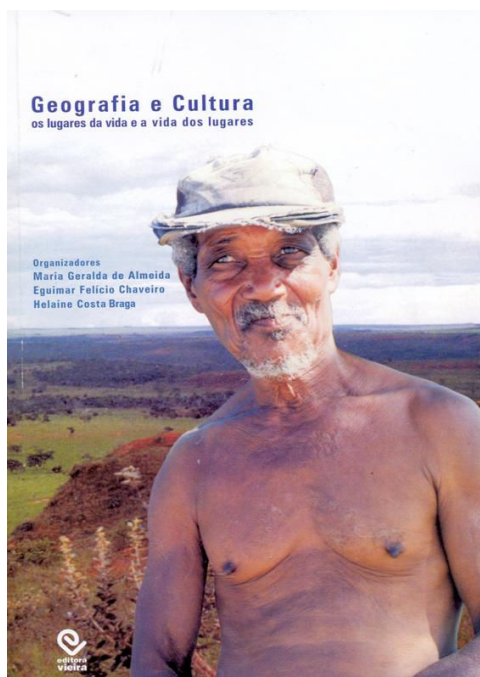


RESENHA

ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (Orgs.). *Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares*. Goiânia: Editora Vieira, 2008. 313 p.



Benjamim Pereira Vilela

Graduado e Mestrando em Geografia pelo Instituto de Estudos Sócio-Ambientais / UFG
E-mail: benjamim_geo@yahoo.com.br

Cultura e Geografia entrelaçam-se. A Geografia Cultural ganha fôlego e importância em todo o mundo, resultado da relevância que os estudos culturais passaram a ter, com o advento da globalização. O livro organizado por Maria Geralda de Almeida, Eguimar Felício Chaveiro e Helaine Costa Braga, busca, sobretudo, compreender as múltiplas faces da cultura frente a complexidade contemporânea. Além de apresentar elementos teóricos e metodológicos utilizados pela Geografia ao fazer diálogos com o tema. Entre os autores dos artigos presentes na obra, alguns têm fama internacional, outros são conhecidos localmente. O que torna o trabalho mais apetitoso e interessante, sob variados pontos, a começar pelas abordagens que se apresentam na forma de argumentos, referenciais, experiências, métodos, etc.

A organização espacial configura-se num conjunto complexo de territórios, os quais carregam marcas temporais e espaciais. Estas podem ser encontradas na forma de exemplos, através de abordagens sobre a dimensão espacial: redes sociais; diversidade de paisagens e territórios; elementos culturais; representações territoriais; religiosidade; alimentação; cidadania e voluntariado, etc. Como pela sagacidade com que os autores articulam os mais variados temas presentes no texto.

O primeiro artigo do livro é um belo passeio teórico e metodológico feito pelo renomado geógrafo Paul Claval, o qual discute a importância dos processos culturais na

relação da geografia com a dimensão espacial. Ao enfatizar o caráter transdisciplinar, ele mostra através de fortes argumentos, que a geografia não é uma ciência de síntese. Em seguida Maria Geralda de Almeida, geógrafa importante para o cenário acadêmico brasileiro e pesquisadora de reconhecimento internacional, apresenta a paisagem como uma construção decorrente da transformação do ambiente em cultura. Exprime com uma linguagem clara os múltiplos territórios que se configuram nas paisagens do sertão brasileiro. Como subsídio para o entendimento dos territórios presentes nas paisagens dos biomas brasileiros, mostra tipologias como os geraizeiros, cerradeiros, caatingueiros, vazanteiros, barranqueiros etc. Numa tentativa de caracterizar os aspectos identitários elencados, Eguimar Felício Chaveiro, pesquisador atento e sensível para com as transformações socioespaciais que vêm ocorrendo nas áreas de cerrado, faz uma imersão nas mudanças culturais e sociais. E lança a idéia de disputas políticas e ideológicas no plano das configurações culturais contemporâneas. A ocupação e as mudanças identitárias através das novas gentes que ajudam a moldar a vida no Cerrado, é discutida com maestria e desenvoltura pelo pesquisador de Uberlândia – MG, Rosselvelt José Santos, o qual faz uma análise inteligente e rica metodologicamente sobre a vinda de Gaúchos para Irai, de Minas Gerais, onde estes buscam se firmar com produtores de soja e também como sujeitos possuidores de uma identidade própria. O município de Catalão-Go é rico quanto à produção do conhecimento geográfico. Fato resultante da articulação do grupo de professores / pesquisadores que busca, continuamente, fortalecer os estudos geográficos no âmbito daquela região.

A professora Estevane de Paula Pontes Mendes, é uma das profissionais que contribui com a qualificação dos referidos estudos e presenteia os leitores com um artigo resultante de pesquisa realizada junto as comunidades rurais de Catalão. Ela mostra que a produção social dos territórios apresenta-se na forma das representações e dos valores explicitados através do modo de vida, de elementos simbólicos: as festas, o trabalho, moradia, costumes, alimentação. E procura discutir a homogeneidade das características socioculturais. Rodrigo Borges de Andrade, outro pesquisador oriundo do Triângulo Mineiro, precisamente da cidade de Uberlândia, procura mostrar através da religiosidade, do trabalho, da terra, das relações sociais de produção, a construção dos lugares junto à comunidade Tenda do Moreno. O autor mostra como o processo de estruturação do lugar é relevante para a constituição das práticas socioculturais e religiosas que se estabelecem.

A alimentação é a temática abordada por Romero Ribeiro Barbosa, o qual faz um histórico do modo como os seres humanos se relacionam com a comida, por meio dos princípios metodológicos da Geografia Cultural. Sua análise busca mostrar a que a espacialidade é essencial para a constituição da Gastronomia contemporânea. A arquiteta Maria da Mercê Brandão de Oliveira, a partir de um rigor metodológico considerável, procura desvendar as paisagens das praças de Goiânia. No texto, ela procura compreender os discursos dos gestores públicos sobre a cidade e conseqüentemente sobre a temática que é objeto do estudo. Literatura e geografia ganham corpo e alma no modo sensível e belo como Diva Aparecida Machado Olanda, mostra na obra “Memórias do vento” de Carmo Bernardes e lê a paisagem urbana de Goiânia, dialoga com sujeitos que constroem e dão corpo para a cidade. Mesmo sendo uma obra de ficção ela guarda dados materiais e imateriais da cultura representadas pelo autor. Além disso, faz uma análise geográfica primorosa, ao ler Goiânia através do olhar carmobernardiano.

O último texto do livro é um rico ensaio. Rico em vários sentidos, primeiro por mostrar as nuances do movimento “Ação da cidadania contra a fome”, e por dialogar com princípios ideológicos, e fazer um debate sobre o processo de globalização, mostrando um dos problemas mais graves do sistema capitalista: as desigualdades sociais. Segundo porque seu autor José Henrique R. Stacciarini, demonstra com leveza e postura política, elementos teóricos e metodológicos, conseguindo articular solidariedade, geopolítica e a questão cultural num texto importante para a ciência geográfica.

No primeiro artigo, “Geografia e dimensão espacial: a importância dos processos na superfície da terra”, Claval faz uma reflexão sobre o valor em se pensar a Geografia enquanto uma ciência, que atende a interesses dos povos, de acordo com o tempo e o espaço. Ao abordar a dimensão da espacialidade - seja através geografia oral, antes da escrita, seja a geografia atual, que utiliza-se de técnicas e tecnologias modernas. Sua utilidade para a humanidade pode ser para se orientar; avaliar o meio onde viviam; para empreender batalhas nas guerras; para construir caminhos; construir hidroelétricas; expandir fronteiras etc.

E mostra a partir de um aguçado olhar, que a geografia não pode ser considerada uma ciência de síntese, pois ela precisa, para se estabelecer, compreender os mecanismos que estão presentes nos processos. Já que este entendimento envolve o indivíduo, a natureza e a sociedade. Por isso, deve considerar os circuitos ecológicos, por meio dos mecanismos de interação e construção da vida sobre a biosfera.

As redes de relações sociais, constituem-se em mecanismos pelos quais os indivíduos inserem-se nos grupos humanos. Esses grupos humanos são responsáveis pela disseminação e aprendizagem da língua; compreensão dos Outros, internalização de valores, os quais permitem sua integração na vida em grupo. Assim a geografia, ocupa-se de compreender os aspectos culturais que marcam o comportamento humano na sua espacialidade.

A comunicação é outro mecanismo do processo de diversificação de culturas. Aponta que a comunicação altera o gesto e as palavras. Aproxima as pessoas espacialmente. Aponta que em meio ao processo de disseminação de informação e de elementos culturais, por mais distante que viva uma comunidade, esta, recebe imagens e informações orais de longe. Com isso, institui-se valores, altera-se a vida das pessoas e ao mesmo tempo favorece a instituição do monopólio, por parte das grandes empresas de comunicação. Explica-se a origem das ideologias que comandam o mundo ocidental há três séculos, e influencia o modo de vida das pessoas, conduzindo a distinção do universo das idéias e dos valores.

O autor considera que as relações institucionalizadas são responsáveis pela construção social, a partir da reposição biológica e da transmissão de saberes de uma geração para outra. Faz uma comparação do modo como as regras oriundas das instituições são diferentes das práticas das comunidades tradicionais. Mostra que as relações estabelecidas entre pessoas de mesma instituição, tendem a criar elementos identitários de empatia. No texto aparece o exemplo dos vendedores, que através das relações, se identificam mundo afora. Considera que nos grupos sociais institucionalizados ou não, o poder econômico influencia a vida das pessoas. Para tanto, deve-se levar em consideração a micro-economia e a macro-economia, as quais se combinam no processo de subsídio à autonomia frente aos mecanismos do mercado.

O poder surge como um aspecto das disputas que ocorrem no espaço. Os processos sociais constituem-se poderes que carregam consigo uma carga simbólica

capaz de estabelecer padrões e moda. Conseqüentemente: relações de poder. Aponta que nesse jogo todo, a cidade surge como um local de centralização de poder. Uma vez que facilita o controle, facilita as comunicações, encurta a distância física entre as pessoas e aumenta o poder dos sistemas de transportes. Surge com isso, as estruturas policêntricas, com especialização de poder. Aponta que a globalização é responsável por esta constatação e é uma das responsáveis pela metropolização e crise das identidades. Aponta a redescoberta dos valores e das culturas. E ao finalizar o artigo, aponta que o geógrafo tem grande responsabilidade junto a outros profissionais, em apontar soluções para as crises que surgem, bem como enfatiza o papel da geografia de aplicar seus pressupostos teóricos e metodológicos para a solução dos problemas sociais.

O texto “Diversidades Paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo”, é singular na abordagem geográfica dada a temática. Maria Geralda de Almeida coloca que a paisagem é construção. É também resultado da apropriação e transformação dos ambientes em cultura pela atribuição de significados a eles. Demonstra que existem ao mesmo tempo realidades, valores e gestos vividos marcados pela presença de materialidades e aspectos simbólicos. A autora pontua que existe uma diversidade cultural na paisagem rural brasileira. E que é forte o confronto entre o moderno e o tradicional, resultante é claro, do modo como os seres humanos interiorizam o espaço e a natureza e os integra ao seu próprio sistema cultural.

Nesta análise fica evidente a preocupação da autora em relação aos conflitos identitários e como as pessoas se relacionam com o espaço geográfico. Nesta medida, ela apresenta que a paisagem não é vista apenas como um conjunto de relações, mas também convergência de percepções subjetivas. Ao fazer esta afirmação, faz despertar no leitor a sensibilidade para compreender que a paisagem não é apenas o que se vê: é o que está nas entrelinhas, nos meandros, nos gestos simbólicos, nos aspectos imateriais e materiais do espaço.

Destarte, a paisagem e identidades territoriais do sertanejo, passa pela ética, estética, simbolismos e valorização da paisagem. Fazendo com que haja uma manutenção da biodiversidade; do horizonte de vida do sertão brasileiro. Com isso, constroem-se uma diversidade identitária. A cultura contribui para a consolidação do ser sertanejo e através da territorialidade as questões simbólicas e culturais servem para fortalecer o sentimento de pertencimento.

A partir destes conceitos a autora apresenta tipologias para a diversidade sertaneja do Brasil. Os Geraizeiros e/ ou Cerreiros para as pessoas que vivem nas áreas de cerrado nos sertões gerais de Minas Gerais. Apresenta que a população que vive nos domínios do bioma cerrado e Minas têm características singulares no processo de apropriação da natureza. Fala dos movimentos sociais existentes, e a tentativa em preservar valores e consolidar a identidade. Os catingueiros referem-se às populações que vivem na região onde se encontra a caatinga, no nordeste brasileiro. Fala do modo de vida dessas populações que em função das características naturais da vegetação, propicia condições favoráveis a criação de gado de modo extensivo. Além disso, em função das condições climáticas, o povo sofre a falta de água e secas constantes. E por último fala dos vazanteiros ou barranqueiros, que são as populações que vivem nas margens dos rios e córregos, os quais têm um modo de vida interessante e intimamente ligado com os aspectos da paisagem e têm uma riqueza cultural ligada a alimentação e aos mitos.

“O cerrado em disputa: sentidos culturais e práticas sociais contemporâneas”. texto do pesquisador Eguimar Felício Chaveiro, sujeito que carrega em suas costas as cores das árvores tortas do cerrado. Diz com criticidade acerca da apropriação das representações que o cerrado recebe. A partir do conceito de disputa, o qual foi mencionado por Claval no primeiro artigo do livro e ganha aprofundamento no texto de Eguimar, são elaborados os argumentos. Este diz que há um enriquecimento da palavra Cerrado e por outro lado a destruição do Bioma. Coloca-se aí um ponto importante para os estudiosos da Geografia e também da cultura nas áreas de cerrado: ele se põe num centro de disputa de sentidos, usos e de filiações simbólicas, econômicas e políticas.

Para exemplificar o processo de disputa, o autor mostra como festas da cultura tradicional de Goiás, são apropriadas pela lógica da mídia e o uso político e ideológico por parte do estado. Aspectos que caracterizam uma sensível mudança na cultura em Goiás.

Ao passear pela morfologia da Festa que ocorre em Trindade- Go, e sua romaria tradicional, o autor verifica aspectos demográficos; a vinda de vendedores das mais variadas partes do país; o sentimento de fé das pessoas através da espiritualização cristã; os movimentos juvenis em meio ao ato religioso; a presença de empresas estatais oferecendo água e lanche aos romeiros. Mostra que além de estilização e da presença de grupos tribalizados modernos, há uma re-significação dos valores culturais e um híbrido de tradição e novo.

Na “temporada no Araguaia” que normalmente ocorre nas férias de julho, o autor mostra a mistura de Índios, celulares, jet-ski, shows de bandas de axé e duplas sertanejas. E a forte presença da mídia, que reforça a representação que se faz do uso do rio, e a circulação de objetos e símbolos.

Ao transformar o rio numa passarela para a circulação de corpos esculturais; veículos caros e da moda; discursos ambientalistas; verifica-se que o rio perde peixe, aumenta o assoreamento e formam-se grandes bancos de areia. Tal situação é apresentada no texto como um aspecto das múltiplas disputas e seus usos.

O discurso da resistência aparece em uma análise que busca entender o romantismo explicitado pela valorização do simples; pela utilização dos elementos tradicionais; valorização do patrimônio genético que visa enraizar a cultura cerradeira ao criar novos produtos feitos com frutos do cerrado etc. Com isso, tem-se a construção imaginária e ideológica do cerrado. Ao fazer tal discussão o autor pontua que as disputas que ocorrem nas áreas de cerrado têm duas perspectivas: uma economicista e outra vital. Também a idéia de visão integrada, que visa potencializar a criação para opor a lógica que se apresenta nos dias atuais.

O artigo “(Re) Ocupação do cerrado: novas gentes, outras identidades” tem como autor o pesquisador de Uberlândia Rossvelt José Santos. O seu texto discute, sobretudo, aspectos da migração – a vinda de pessoas do sul do Brasil para as áreas de cerrado. E a influencia na configuração das novas identidades que se constituem. Considera também que há um processo de desencontros sociais, oriundos das diferenças culturais, étnicos e espaciais, e das relações que se estabelecem no lugar que recebe migrantes. E aponta para a complexidade que é o processo de fixação de valores socioculturais, uma vez, que sempre há uma tentativa de reconhecimento social, inerentes a valores subjetivos.

A local estudado pelo autor é Irai, em Minas Gerais, local que recebeu camponeses gaúchos, que ao chegarem no local, buscaram o reconhecimento de suas identidades. Aponta que o processo de vinda dos referidos migrantes estava associada

aos programas de desenvolvimento das áreas cerrado numa perspectiva econômica. E a partir dos depoimentos de pessoas entrevistadas, verifica-se que a ida dos gaúchos para o local significou a modernização do modo de trabalho no campo e a inserção de novas culturas como a soja.

O texto foi tecido em meio às metodologias qualitativas. É rico em depoimentos, que fazem o leitor sentir as dores, os desejos e anseios dos sujeitos pesquisados. Além de mostrar as estratégias adotadas para que o estabelecimento dos gaúchos e as transformações que estes promoveram em relação ao modo anteriormente adotado pelos mineiros, quanto as práticas religiosas, práticas de agricultura e pecuária.

O autor aponta que houve um processo de recriação de identidades, a partir das práticas religiosas, dada a necessidade dos migrantes em estar associados a instituições ligadas aos dois grupos.

O artigo “Identidades sociais e suas representações territoriais: as comunidades rurais no Município de Catalão – GO”, busca, sobretudo, compreender o campo como território, e o modo como as comunidades lidam com as transformações socioculturais, ocorridas no âmbito cultural. O estudo mostra que as dimensões da existência humana são essenciais para se compreender a vida simples das famílias e suas interligações, bem como, o comportamento sociocultural, econômico e organizacional das comunidades. O que é o referencial para a produção social do território, através do modo como se dá inserção das comunidades rurais na sociedade. Faz uma imersão num aspecto teórico metodológico importante para os estudos em geografia: compreender os lugares é entender as relações humanas e as relações entre os seres humanos e a natureza.

Ressalta a relevância da afetividade das famílias para a construção do modo de vida. Por meio das relações de vizinhança é que se constitui uma identidade geográfica e social. Mostra que o trabalho é um elemento de ligação importante entre as pessoas e também a principal unidade de produção e consumo. O texto é como outros desta obra, uma referência teórica e metodológica para novos pesquisadores e estudiosos.

“Práticas sócio-culturais e religiosas: elementos constituintes do lugar” é uma imersão no cotidiano e na vida dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, no município de Araguari – MG. O autor Rodrigo Borges também contribui com seu texto no aspecto metodológico, apresentando uma rica leitura qualitativa dos aspectos socioculturais através da observação e da interpretação dos depoimentos dos moradores. Valoriza no decorrer do trabalho, a ligação da religiosidade com os modos de vida das pessoas, e a importância dos lugares para se entender a subjetividade humana.

Reflete os aspectos mencionados por outros autores do livro, como: redes sociais; relações de trabalho e afetividades na constituição no modo de vida; valorização dos registros orais, etc. Entretanto, como é evidenciado no início do artigo, a religiosidade aparece a partir da atuação incisiva da igreja católica. A propriedade da terra são elementos cruciais, segundo o autor, para se entender a vida da referida comunidade. Ressalta-se aí um viés interessante para a realização de estudos geográficos.

“Saberes, sabores e sentidos: gastronomia no contexto da geografia cultural”. é explorado por Romero Ribeiro, que busca através da interdisciplinaridade tecer uma relação intrínseca entre Geografia cultural e gastronomia. Mostra que as relações de produção, desde os primórdios, estiveram ligadas à alimentação. Conseqüentemente a temática insere-se dentro de um bojo rico simbólica e culturalmente. O autor coloca como a colonização, a miscigenação, a imigração influenciaram consideravelmente o modo como as pessoas se alimentam. Indica que a vinda de pessoas das mais variadas

partes do mundo para o Brasil, contribuem para que o modo de se alimentar pudesse ser diferenciado e ganhasse diferentes nuances. Pois aqui foi inserido novos ingredientes a pratos típicos de outros países, dando origem a novos sabores. O autor completa que o modo de comer é uma das formas de um povo manifestar sua cultura.

A categoria paisagem, na perspectiva cultural aparece em boa parte dos textos do livro, mas no artigo “A praça em sua expressão cultural: uma interpretação das paisagens das praças goianiense” de Maria das Mercêdes, o modo de entender as paisagens fica evidenciado. O trabalho faz um mergulho nas paisagens das praças – Goiânia como exemplo - para se compreender suas possibilidades como constituidoras de cultura nos cotidianos das pessoas que as utilizam. Para a autora isso é feito a partir de dois elementos talhados por Milton Santos: forma e função.

Os dois elementos que a autora aponta para que a constituição das paisagens das praças possa ocorrer, depende de aspectos políticos, sociais e das técnicas. O que demanda de vontade política e interesse dos gestores, planejadores e das necessidades dos usuários.

A autora faz uma leitura profunda das praças de Goiânia, busca entender através dos planos e políticas públicas como que o espaço das praças foi pensado e o modo como os usuários representam as praças, revelados por meio do uso e do vínculo dos cidadãos com estes espaços. O texto é rico teoricamente e traz um referencial interessante para os pesquisadores interessados na temática.

“ 'Memórias do vento' e as paisagens cidadinas ” é uma rica leitura da paisagem de Goiânia, feita pelo escritor goiano Carmo Bernardes e interpretado por Diva Aparecida, que faz uma bela interface entre a obra literária e o saber geográfico. Mostra em seu artigo que a metodologia apresentada é um grande recurso para os estudos culturais, bem como um modo de se ler as espacialidades numa abordagem da geografia cultural.

O texto é um manancial de referências teóricas sobre os estudos da geografia cultural, da literatura e também uma demonstração de como talhar metodologicamente esses dois elementos. O estudo apresenta a paisagem goianiense como uma marca visível e invisível através olhar carmobernardiano. É possível ver a cidade sendo revelada pela obra literária. Ver também as segregações socioespaciais presentes na sociedade, como os dilemas dos migrantes, marginalização de menores e pobres trabalhadores habitantes da periferia da cidade.

O último texto do livro é “Ação da cidadania contra a fome: identidades, sujeitos sociais e construção da democracia no território brasileiro”, do geógrafo José Henrique R. Stacciarini, o qual busca mostrar o alargamento das temáticas estudadas pela geografia , demonstrando a necessidade de realizar estudos geográficos através de múltiplas dimensões. Além de enfatizar como as ações políticas implementadas no território alteram as identidades culturais dos sujeitos.

Faz um debate sobre as mudanças políticas ocorridas após a queda do muro de Berlim e aponta o surgimento de novos atores das lutas políticas, bem como as ações que emergem através de identidades complexas. Apresenta as entidades civis organizadas como exemplo desses novos atores. E “Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e Pela Vida” ou também como ficou conhecida “Campanha da Fome”, a qual luta para acabar com a fome de mais de 32 milhões de pessoas em um país rico como o Brasil. O autor enfatiza que as desigualdades sociais são marcantes no território nacional.

Sabe-se que várias frentes e elementos importantes não foram apresentados na presente resenha, entretanto, fica evidente que o livro é importante para a Geografia nacional – principalmente para os estudos sociais e culturais sob várias possibilidades teóricas e metodológicas.

Os organizadores e autores estão de parabéns pela obra que irá ser referência para os estudos culturais nas áreas de cerrado.

Recebido para publicação em março de 2008

Aprovado para publicação em abril de 2008